

Memórias da Colônia Alemã de Pomerode.

Autoras: Andreia Rezende Rocha, Patricia Iost
Orientador: Maria Apda. Papali

Universidade do Vale do Paraíba

Faculdade de Educação e artes, Rua Tertuliano Delfim Jr, 181 - Jd. Aquarius, São José dos Campos - SP

Resumo- Este trabalho tem como objetivo levantar a história da cidade de Pomerode em SC, através da memória de seus habitantes bem como cruzar com documentos diversos. A Cidade de Pomerode que teve sua emancipação recentemente, em 1959, pertencendo até então ao Município de Blumenau, foi desde cedo uma comunidade diferente, seus fundadores e colonizadores foram imigrantes germânicos da região norte da Alemanha e da região da Pomerânia o que fez da cidade uma pequena Alemanha no Brasil, pois até hoje conservam as tradições do país de origem de seus pais, avós e bisavós; tradições essas que aprenderam dentro de casa, no convívio diário e na igreja. É uma cidade brasileira com traços típicos germânicos, onde o português é a língua oficial, mas o alemão e o pommersch (espécie de dialeto) se aprende em casa, embora essa pratica esteja se perdendo aos poucos, principalmente após a política de nacionalização instituída pelo Estado Novo na década de 1940, cabendo hoje aos mais velhos, ao governo municipal e a educação a responsabilidade de transmitir aos mais novos a importância de se manter vivas as suas tradições culturais e a memória dos seus antepassados como forma de referencia e identidade.

Palavras-chave: Teuto-brasileiro, colônias alemãs, identidade, cultura, nacionalismo

Área do Conhecimento: História

Introdução

A escolha do tema se deu devido a pouca literatura que fale sobre as colônias alemãs espalhadas pelo Brasil e principalmente sobre a Colônia de Pomerode que é considerada a capital alemã do Brasil e confrontar o senso comum de que os descendentes de europeus (no caso os germânicos), que preservam a cultura de seus pais, avós e ascendentes não se tornam menos brasileiros do que os que estão há mais tempo ou nasceram no Brasil, mas consiste em uma forma de identificarem-se com suas origens sem abdicarem de suas condições de brasileiros.

Pelas diversas mudanças ocorridas no cenário europeu no séc. XIX, a emigração foi uma das formas encontradas por diversos povos e países para contornarem os problemas pelos quais muitos estavam passando.

O Brasil, com projetos de expandir e delimitar seu território viu na imigração uma oportunidade de resolver problemas de ordem Nacional – povoar as fronteiras e conter a expansão de países vizinhos- e de ordem econômica, resolver o problema da posse de terra e regime de trabalho, uma vez que a escravidão estava com seus dias contados e se fazia necessário a substituição da mão de obra, saindo de cena o escravo e entrando o imigrante, o colono, o assalariado.

A Alemanha, em parceria com o Brasil, enviou grandes levas de imigrantes para as terras brasileiras concentrando sua maioria nos estados

do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, além de alguns em São Paulo e demais estados.

Uma vez instalados, longe de sua terra natal, o imigrante se viu em um mundo novo, em situações adversas e com um sonho a ser construído, um sonho que em sua terra de origem não puderam concretizar, e assim fizeram do Brasil sua pátria, onde trabalharam, constituíram família e lutaram pelos seus anseios.

Nesse novo cenário uma nova identidade cultural se formou, um modo novo de se fazer cultura e reconhecer a cultura se molda conforme as necessidades, embora vivendo em Colônias ou distantes de centros urbanos. No entanto, em muitas colônias estrangeiras existentes no Brasil, a língua falada e ensinada em suas escolas era a língua dos países de origem. Com o advento do Estado Novo, a partir de 1937, e a política de nacionalização lançada por Getúlio Vargas, tais colônias passam a sofrer pressões de adaptação rápida aos costumes brasileiros, principalmente no tocante à língua portuguesa, que passou a ser obrigatória em todas as escolas brasileiras.

Metodologia

Por se tratar da Memória de uma cidade, faremos uso de fontes primárias e secundárias, tais como: depoimentos, fotografias, registros, jornais, teses e livros, pois falaremos de várias épocas mostrando suas várias fases e no que se tornou hoje. Como o

passar dos anos e a convivência com outros povos foram sentidos em Pomerode e como a política de nacionalização afetou os imigrantes e suas famílias.

Discussão

Falar da Colônia de Pomerode é falar de toda uma tradição, cultura, identidade e memória, requisitos mínimos para se buscar entender toda uma riqueza de vivências entrecruzadas que a pluralidade cultural existente na cidade evidencia.

Ao recorrer à memória para estudos de uma comunidade, época ou acontecimentos, estamos nos valendo de um recurso valioso para nos aprofundarmos naquilo que desejamos. Conforme nos relatou o senhor Roland Ehlert, morador de Pomerode:

“Em 1939, ai essa o governo fechou todas as escolas, que eram todas particulares e fechou tudo, e é claro que construiu outras escolas, e ou converteu, essas escolas em escolas estaduais e botou professores lá que só lecionavam portugueses... Isso até que tá certo, não temo nada contra, Brasil é Brasil, e eu até lamento não poder falar melhor o português...” lamenta Roland Ehlert

E se tratando de Pomerode ou de alguma outra colônia alemã, a memória em um certo período da história principalmente se for na década de 40 é um tanto dolorosa, por se tratar da II Guerra, são pronunciados discursos preconceituosos contra os estrangeiros. Como Favéri aponta em *Memórias de uma (outra) guerra. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra, que no Brasil antes da guerra no contexto da campanha de nacionalização ressoavam vozes contra o antipatriotismo na obrigatoriedade de ‘limpar’ o país dos ‘quistos étnicos’*.

Porém, nem sempre foi assim, segundo alguns especialistas no assunto, houve situações de muita proximidade entre os países, sendo que entre os anos de 30 a 38, o Brasil e a Alemanha tiveram seus momentos de afinidades e aproximações, assim como afirma Perazzo *“até 1938 a Alemanha era vista como modelo de modernidade, sendo o nacionalismo alemão transformado em fonte de inspiração do que se pretendia construir: um Estado forte de cunho nacionalista.* (1999, p.48)

Mas por que da mudança desta ideologia? Isto foi devido ao processo histórico pelo qual o Brasil passou com o desenrolar da II Guerra, rompeu relações com a Alemanha e com os demais países do eixo (Japão-Itália). A situação gerou um mal estar na população de alemães e italianos que residiam no Brasil, eram vistos como inimigos, como diferentes, como o ‘outro.’

A partir deste momento, Getúlio Vargas, como bom estrategista, usou do discurso, da força e da lei para se fazer ouvir, chamando a todos ao

cumprimento do dever cívico se apropriando do discurso que constrói sujeitos, incita imagens, inclui e exclui deliberadamente. Segundo o senhor Roland Ehlert, morador de Pomerode:

“... pior, foi que quando de repente Vargas, o famoso Vargas, que ainda digo que era um dos melhores presidentes da República que nós tivemos, a afinal e além do que ele fez de errado, mas quais os presidentes que não fizeram coisa errada?, pois é, e ai ele declarou guerra ai pra Alemanha, de repente, ou tudo onde que existia dos alemão aí, proibiu a língua, e esse nos sentimos aqui na carne que coisa triste isso, que medo!”

Mas como construir a noção de brasilidade, a nação brasileira com um país miscigenado? O Estado Novo com sua política de nacionalização teve que pensar e repensar os caminhos pelos quais faria isso, para tanto foram realizados *“Congressos de Brasilidades”*, onde *“para conseguir formalizar a idéia de nação, intelectuais preocupados em teorizar os problemas brasileiros, tiveram que repensar questões como a heterogeneidade étnica, as heranças escravistas, o peso das oligarquias, a importância da modernização do Estado, o fascínio por soluções estrangeiras, além de se verem diante de um elemento social ‘positivo’, mas às vezes ‘inoportuno’ por suas idéias e comportamento: os imigrantes, apontados como sinônimo de estrangeiro”*. (PERAZZO.1999, p.40)

Na Europa o nacionalismo ou prática de cunho nacionalista estava em voga e aqui desde o início da República assuntos pertinentes ao termo *“nação”* e para onde se estendia sua aplicação vinha sendo discutido pelo intelectuais a frente do poder, que faziam dela fruto de ideologias políticas que norteavam conceitos e praticas pelas quais a sociedade deveria se enquadrar, porém foi no Estado Novo sob o poder de Getúlio que ela ganhou força e significados maiores.

Não foi levado em consideração que muitos desses ‘estrangeiros’ estavam no Brasil há vários anos ou décadas, sendo que *“a maioria veio através de políticas imigratórias em função da agricultura”* (idem) e, embora algumas colônias tenham sido estabelecidas nas cidades, muitas colônias do sul encontravam-se no meio rural, tornando-se comum que nessas comunidades a língua de origem dos mais velhos, suas tradições fossem preservadas e mantidas, sabendo-se que a língua faz o papel de elo e de unidade para a sobrevivência cultural. No entanto, é reprimida toda a manifestação lingüística pela polícia de Vargas. Inspetores agiam através da denuncia de vizinhos incitados pelo medo, que fora criado pela imagem generalizada de que todo alemão era nazista. Esta prática definitivamente fez *“emudecer”* os estrangeiros. Após o fim da guerra

a postura do governo passou a ser outra, os alemães e a Alemanha deixaram de ser perigos iminentes, o estigma de alemão nazista já não mais amedrontava, e nos levam a acreditar que o governo usava a sociedade a fim de seus benefícios, já que *“comprovam que tal discriminação estava, realmente, atrelada a conceitos manipulados pelo Estado que gerenciava a vida daqueles que considerava seus inimigos”* (Perazzo. 1999. p232)

Segundo Renato Ortiz não existe uma identidade autêntica mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos da história. Isso nos leva a questionar as atitudes severas, intolerantes e autoritárias de Getúlio, que *“cuidou de construir uma memória histórica de unidade nacional, e para tanto as ações convergiram na eliminação das diferenças regionais, na tentativa de dar forma ao passado, emoldurá-lo no presente e festejá-lo ruidosamente, indiferente aos desejos, idéias e sentimentos de pessoas e grupos que, na maioria das vezes, silenciaram, o que não significou seu apassivamento.”* (FAVERI, 2002. p443)

Considerações Finais: Buscaremos discutir todas essas questões, envolvendo cultura, identidade, imigração, intolerância e nacionalismo ao construirmos a história da cidade de Pomerode, em Santa Catarina, principalmente através da memória de seus habitantes, descendentes de alemães.

Referências

- BRANCHER, Ana, AREND, Sílvia M. Fávero, ***História de Santa Catarina no século XIX***, Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001
- FAVÉRI, Marlene de. ***Memórias de uma (Outra) Guerra: Cotidiano e Medo Durante a II Guerra***. Itajaí: Univale, 2004.
- FERREIRA, Cristina, FROTSCHER, Méri, ***Visões do Vale: Perspectivas historiográficas recentes***, - Blumenau: Nova Letra, 2000.
- FREITAS, Sônia Maria de, ***História Oral, procedimentos e possibilidades***. São Paulo, Humanitas/USP e Imprensa Oficial, 2002
- ORTIZ, Renato. ***Cultura brasileira e identidade nacional***. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- LOPES, Antônio Herculano, PESAVENTO, Sandra Jatahy, VELOSSO, Mônica Pimenta, ***História e Linguagens Textos, imagem, oralidade e representações***. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2006.

- OBERAKCER, Carlos H. ***A contribuição teuta à formação da nação brasileira***. Rio de Janeiro: Presença, 1963.

- PERAZZO, Priscila Ferreira. ***Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo***. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

- SEYFERTH, Giralda. ***A colonização alemã: no vale do Itajaí Mirim***. Brusque – Editora Movimento

- ZIMMER, Roseli. ***Pomerode: Manifestações de Germanidade em uma Festa Teuto-Brasileira***. Santa Maria: Pallotti, 2002.